

# Palestina – Parte I

Hugo Hortêncio de Aguiar

## Sumário

1. Introdução. 2. a) Os primeiros habitantes e Canaã. b) Os Filisteus. c) O Reino de Israel. 3. Invasões Assíria e Babilônica. 4. Alexandre Magno: conquistas, morte e herança política. 5. a) Os Macabeus. b) A dinastia herodiana. 6. a) Situação da Palestina no tempo de Cristo. b) Os judeus: seus erros, suas lutas. c) Os romanos. 7. Apreciações finais. 8. Conclusão.

## 1. Introdução

Nesta Parte I do título “Palestina”, faremos uma descrição panorâmica de personagens e episódios atinentes à matéria, antes de Cristo e ainda durante a sua vida. Além disso, apresentaremos, nos resumos finais, uma crítica necessária sobre distorções da arte e da ciência internacionais a esse respeito, difundidas pelos meios de comunicação, especialmente o cinema e a televisão, fato que vem ocorrendo com frequência cada vez maior ultimamente.

Apesar do que já escrevemos em números anteriores desta Revista sobre a Palestina, as indagações que nos fazem sobre a tumultuada área são inúmeras, mas podem ser resumidas nas duas seguintes: a) quais eram realmente os seus autênticos habitantes? e b) quais os verdadeiros invasores?

## 2. a) Os primeiros habitantes e Canaã

O nome Cananeus vem de Canaã. Esse povo constituiu o elemento étnico de ligação entre a narrativa bíblica e a histórica.

Hugo Hortêncio de Aguiar é coronel do exército reformado, especialista em línguas, cultura e história do Oriente Médio.

Inicialmente com o discutido “Dilúvio”, e a seguir com a sobrevivência de Noé e sua família, a história bíblica chega a Sem, Cam e Jafet, filhos daquele cuja árvore genealógica povoou a terra, pelo menos naquela parte afetada. Os filhos de Cam foram Cush, Mitsraim, Put e Canaã. Até aqui o enfoque bíblico. Como transição para a História, diríamos que os herdeiros de Canaã, que se espalharam desde a Ásia Menor, para o sul e para o leste, formaram as sete famílias básicas canaaníticas: Amorreus<sup>1</sup>, Cananeus<sup>2</sup>, Ferezeus, Girgazeus, Heveus, Heteus e Jebuzeus. Todos os outros grupamentos humanos, como cineus, arqueus, guezureus, etc., são tribos ou derivações das nações básicas citadas. Não temos recurso de pesquisa para sabermos se já havia, antes dos cananeus, algum povo habitando a área. Nem acreditamos que alguém tenha. Grupos populacionais dos períodos natufenses, tahunenses e gassulenses, cujas origens são discutíveis, não tinham expressividade para a denominação de povo ou nação.<sup>3</sup>

Em respeito ao profundo sentimento patriarcal dos cananeus, vamos chamar a região de “Terra de Canaã”, transformada para os “hebreus”<sup>4</sup> em “Terra Prometida”, segundo a inspiração monoteísta de Abraão.

A incursão feita por esse patriarca e seus familiares para a Terra Prometida partiu de Harran, pequena cidade da Turquia (atualmente, e naquele tempo, Aram, Síria, onde se falava o aramaico). A viagem de Ur, na Caldéia, para o norte, fora o primeiro lance, em busca de melhores terras.

Nesse período anterior da vida na Terra de Canaã, os únicos habitantes da região eram os cananeus, como nação. A comitiva de Abraão não era uma nação. Muito menos os descendentes de Ismael<sup>5</sup>, que se encaminharam para a península Arábica, ou os herdeiros das concubinas de Abraão e de Esaú, formadores da Iduméia, com mulheres egípcias, cananéias e árabes.

Sem dissertarmos sobre as andanças dos hebreus e a retirada do Egito, por ser assunto bíblico, vamos abordar a primeira inva-

ção da Terra de Canaã, cerca de 1250-1200 a.C., pelas tribos de Israel,<sup>6</sup> numa confederação sob a inspiração monoteísta de Javé.<sup>7</sup>

Já estamos no enfoque histórico. Temos, assim, que aceitar “historicamente” o povo conquistado, o Cananeu, organizado em nações, algumas citadas repetidamente pelos historiadores, como os Amorreus, outras com itinerários ainda discutíveis, como os Heteus (ou Hititas), mas já dissecadas arqueologicamente. Uma delas, porém, teve continuidade nos nossos conhecidos “Fenícios”, habitando o litoral do atual Líbano e suas proximidades. Os fenícios, habitando a mesma terra, falando a mesma língua, cultuando as mesmas divindades e, para completarmos, tendo inventado o alfabeto “cananeu”<sup>8</sup>, eram, de fato e de direito, cananeus.

Sobre a conquista de Canaã pelos “israelitas”, há inúmeras provas documentais, arqueológicas. Toda a área é um imenso museu, facilitando o acompanhamento das civilizações que a ocuparam.

Assim, por volta de 1200 a.C., seriam dois os povos habitantes, os cananeus e os israelitas, se não houvesse mais dois povos em formação a leste do rio Jordão, os quais, juntamente com os cananeus não assimilados, procuraram impedir a marcha dos israelitas para o norte, vindos do deserto do Sinai: os moabitas e os amonitas. Não vamos descer a pormenores sobre a formação desses dois povos, pois é assunto puramente bíblico. Contudo, devemos informar que a palavra “moab” (em hebraico “me av”) significa “tirado do pai” e “Amon”, também hebraico, “origem na tribo”<sup>9</sup>.

Nessa fase, quatro eram os povos que habitavam Canaã: os cananeus, os israelitas, os moabitas e os amonitas. Como invasores, somente os israelitas. Mas não por muito tempo.

Antes mesmo da conquista terminada, há cerca de 1175 a.C., os israelitas já tinham outros companheiros invasores, que se contentaram inicialmente com a faixa litorânea, aventurando-se, depois, pelo interior: os Filisteus.

## *b) Os Filisteus*

Os descendentes de Mitsrain, filho de Cam e neto de Noé, estabeleceram-se inicialmente no Egito (Mitsráin, em hebraico), posteriormente ocuparam algumas ilhas do Mar Egeu, até que, finalmente, aportaram na região costeira de Canaã. Isso, lá pelos 1150 a.C. A partir de então, a região passou a ser ocupada por cinco nações. Grupamentos humanos, de pequena população, sem expressão guerreira e reunidos apenas para a sobrevivência, não foram levados em conta, como os Idumeus. No fim do II milênio antes de Cristo, desses cinco povos dois eram invasores: os israelitas e os filisteus.

Apesar de não serem muito numerosos, os filisteus chegaram, anos depois, a dominar quase toda a área da atual Judéia. A grande região de Canaã que ocupavam foi batizada pelos gregos de “Philistia”, ou “Philistéia” (ou no hebraico “Pêlestin” ou “Palestina”)<sup>10</sup>.

Essa palavra será a adotada neste estudo a partir deste ponto, para efeito de uniformidade.

Os israelitas, após períodos que oscilavam entre vitórias e derrotas sobre os filisteus, conseguiram, finalmente, neutralizar aquela expansão com a unificação do Reino de Israel, inicialmente governado por Saul, e logo depois, por David, da Tribo de Judá. A partir dessa época, cerca de 1020 a 1010 a.C., é contada para os israelitas a data da fundação de Israel, com capital em Jerusalém, pronta para receber a Arca da Aliança, no grande Templo que seria construído em breve.

## *c) O Reino de Israel*

O Reino de Israel, sob o mando de David, limitou as pretensões dos filisteus à orla costeira, embora não os tenha expulsado definitivamente, bem como abalou a capacidade dos moabitas e amonitas e outros reinados de cananeus que ainda guerreavam pelo Oriente do rio Jordão. Todavia não durou muito essa superioridade israelita.

Após a Era Dourada, com a morte de Salomão, o Reino dividiu-se em dois: Israel, ao norte, capital em Sebaste (Samaria), integrado pelas Dez Tribos, e, ao sul, capital em Jerusalém, as tribos de Judá e Benjamin, cujos integrantes se chamaram “judeus”.

## *3. Invasões Assíria e Babilônica*

No ano 722 a.C., os assírios invadiram a Samaria e levaram cativos muitos habitantes das dez Tribos, ao mesmo tempo em que deixaram muitos do seu país nessa parte da Palestina. Dessa época de mistura étnica e de cultos, surgiram os “samaritanos”, que, como os galileus, sofreram muita influência mística dos fenícios. Já a invasão dos babilônios (Caldeus), no ano 586 a.C., não deixou muitos representantes na Judéia, forçando, por outro lado, muitos judeus ao exílio, a começar com a cativo da Babilônia, bem assim a emigração para a Galiléia, o Egito, províncias greco-romanas e Iêmen, considerados, em conjunto, a primeira grande diáspora<sup>11</sup>.

Os babilônios não demonstraram muito interesse pela Judéia, restringindo suas ações mais à cidade de Jerusalém, cujo Templo destruíram, cujo tesouro saquearam e cujas muralhas arrasaram. Ressarcidos em parte pela magnanimidade de Ciro, rei da Pérsia, os judeus marcaram esse período de retorno da Babilônia com um grande esforço de reconstrução de Jerusalém, e houve uma retomada dos padrões éticos e morais, orientada pelo profeta Nehemias.

## *4. Alexandre Magno: conquistas, morte e herança política*

Com as conquistas militares de Alexandre Magno, o Oriente Médio sofreu uma transformação cultural muito grande, apesar de seu tempo de domínio ter sido muito curto, pouco mais de dez anos.

O “helenismo” preponderou com muita facilidade devido a dois consideráveis fatores: o gênio político e militar de Alexandre e a magnitude da língua e da cultura grega.

Na Palestina, a cultura grega teve uma influência muito abrangente, marcada a sua presença em arquitetura, monumentos, obras de arte e atividades comerciais, tudo testemunhado por inúmeras inscrições em grego, espalhadas por toda parte. O número de pequenos contingentes infiltrados na Palestina era expressivo, fazendo com que até editais e avisos públicos fossem transcritos em língua grega, o que deu a muitos historiadores a impressão de ser esse idioma o falado pelo povo palestino. É uma idéia falsa, pois, como sabemos, o aramaico dominava, não somente na Palestina, mas em grande área do Oriente Médio, com as variações dialetais locais.

Alexandre Magno viveu pouco. Antes de morrer, aos 33 anos, deixou seu vasto Império dividido entre seus generais de confiança, que eram grupados em “Ptolomeus” e “Selêucidas”, ficando os primeiros, egípcios, com a Palestina e os segundos, Sírios, com as províncias do norte. Prevaleram os Selêucidas, da Síria, que dominaram o Egito e a Palestina a partir dos quais vieram “Antíocos” e “Seleucos”, de mandatos desastrosos, até dar-se a revolta dos Macabeus, em 167 a.C., quando se estabeleceu a dinastia “Hasmonea”.

### 5. a) *Os Macabeus*

Com a dinastia Hasmonea, ou dos Macabeus, que foi uma revolta tipicamente dos judeus contra a profanação do II Templo por Antíoco, rei Selêucida, todas as etnias híbridas de pequenos reinados e até mesmo nações como os filisteus, moabitas e amonitas perderam a sua expressão guerreira. De modo que, quando os romanos chegaram à região, em 63 a.C., levando somente administradores e a tropa militar, apenas os israelitas, como nação, habitavam a Palestina. A essa altura, os cananeus já assimilados, os galileus na condição de uma província atrasada e quase pagã, os samaritanos como um povo hostil ao lado, os israelitas estavam então unidos por um novo símbolo, “o

povo judeu”, das Tribos de Judá, que, na realidade, assumia a personalidade de toda a área. Quando os romanos invadiram a Palestina, seu objetivo político era controlar a Judéia, uma preocupação para Roma, deixando as províncias secundárias para o controle da dinastia herodiana.

### b) *A dinastia herodiana*

Iniciada ainda no período dos Macabeus, com Antíoco Epifanes, mais tarde com seu filho Antipatris, essa dinastia foi caracterizada por dirigentes cruéis e devassos, tendo sua projeção máxima em 37 a.C. com Herodes, o Grande (ou o Velho), que conseguiu ser nomeado rei da Palestina, mas numa posição secundária, de submissão, a Roma, pois isso aconteceu após a invasão dos romanos. Era idumeu, nascido em Askelon. Sua crueldade no assassinato de familiares era tão notória que a matança dos inocentes, em Belém, a ele atribuída, não deveria causar tanta celeuma entre os historiadores, uma vez que estava perfeitamente de acordo com seu caráter desumano.

Teve inúmeros filhos e filhas, de várias esposas e concubinas. Pelo número significativo e pelos nomes repetidos, sua descendência cria confusão para os pesquisadores na tentativa de montagem de um diagrama de família.

Vamos citar apenas dois filhos, em atenção ao nosso objetivo neste artigo: Arquelau, que sucedera a Herodes, o Grande, no ano 4 a.C., e Herodes Antipas. O primeiro só permaneceu no cargo até 6 d.C., quando foi destituído pelos romanos, e veio a morrer um pouco depois. Temido também pela crueldade, tanto que José, com Maria e Jesus, de regresso do Egito, rumaram diretamente para Nazaré, na Galiléia, por medo de residir na região de Jerusalém, onde a família tinha parentes bem situados na vida.

Nazaré era uma pequena cidade, fora da jurisdição de Arquelau (Judéia e Samaria) e um refúgio natural para judeus emigrados, que também evitavam os samaritanos. Os

romanos, com a morte de Arquelau, não mais nomearam governantes da dinastia herodiana para o conjunto Judéia-Samaria. Teve, então, início a era dos procuradores romanos.

O Segundo, o outro filho de Herodes, o Grande, Herodes Antipas, nosso velho conhecido do Novo Testamento, teve dos romanos a incumbência da jurisdição da Galiléia, de secundária importância política, e da Peréia, província a leste do rio Jordão, na ocasião já livre de problemas com moabitas e amonitas.

Vejam os leitores, para avaliação da dinastia herodiana, que esse Herodes Antipas, por cuja ordem foi degolado João Batista<sup>12</sup> e de atitude dúbia e pusilânime no processo de Jesus, era considerado menos cruel e até mais benevolente ante os demais governantes da família.

#### *6. a) Situação da Palestina no tempo de Cristo*

No princípio do século I da Era Cristã, a Palestina era habitada pelos seguintes povos: a) os judeus, habitantes da Judéia e de pequenos núcleos em toda a área palestina, principalmente na Galiléia; b) os samaritanos, uma nova etnia constituída de descendentes das Dez Tribos e dos invasores assírios; c) os galileus, também constituídos de elementos descendentes das Dez Tribos mais ao norte, e de povos fronteiriços: sírios, arameus, fenícios e outros grupos menores. O termo Galiléia vem do hebraico “galil”, correspondente a “território”, “província”, com intrínseca idéia de região cercada por todos os lados. A antiga Galiléia era muito menos extensa que a atual, e a infiltração de elementos de nações limítrofes era inevitável; d) os idumeus, habitantes da Iduméia, mais ao sul. Eram uma mistura étnica complexa, sem expressão política, sem ser nação, citada apenas porque deu ao povo palestino uma carga pesadíssima: a dinastia dos Herodes. Os demais povos, como cananeus, moabitas ou amonitas, ou foram assimilados ou perderam a expressão. Os

filisteus foram expulsos. Os assírios deixaram uma quota, miscigenando e formando os samaritanos. Os egípcios, sírios e gregos deixaram pequenos contingentes, esses últimos os mais numerosos, e os babilônios não deixaram muitos representantes.

Como “invasores”, no início do século I, só permaneceram os israelitas e os romanos. Não podemos esquecer que a invasão dos israelitas, já então desdobrados em galileus, samaritanos e judeus, teve conotação mística, conceito que não pode ser ignorado na apreciação histórica e política. Quanto aos romanos, sua conquista da Palestina nada teve de sobrenatural.

#### *b) Os judeus: seus erros, suas lutas*

O povo judeu é uma síntese histórica, sofrida e provada, das Doze Tribos de Israel, o que vale dizer, dos israelitas. Herdeiro predestinado da Tribo de Judá, sua história sempre esteve ligada à Palestina. Há quase quatro mil anos esse povo anseia e luta por uma Terra Prometida, ou procura a ela retornar, quando expulso. Nesse último caso, sempre permaneceram na terra conquistada núcleos judaicos, e os exilados sempre mantiveram uma visão messiânica de retorno à pátria de adoção. Essa ligação carismática com a Palestina tem dado ao povo judeu, através dos séculos, um forte espírito de luta pela sobrevivência, que vem sendo pago há tempos, e por um alto preço.

Realmente, começou no deserto do Sinai, durante o Êxodus. O anseio por uma pátria fixa superava, às vezes, a obediência aos preceitos transmitidos por Moisés e, aos primeiros sinais de infortúnio, a rebeldia civil era violenta e também violentamente reprimida. Mais tarde, no período dos Reis, incluído Salomão, descabros dos governantes, como idolatrias, devassidão, assassinatos, taxaço escorchante de impostos, levaram à divisão do Reino de Israel, tendo os judeus, povo de que se originou o nome “Judéia”, tomado uma atitude heróica de autonomia com relação ao conjunto das Tribos.

Finalmente, na dinastia Hasmonea, dos Macabeus, fruto de uma extraordinária revolta judaica contra a profanação do Templo, a proliferação de elementos corruptos era tão grande que, segundo A. Powell Davies (1956, p. 73)<sup>13</sup>, “é quase incrível que tantos inconscientes canalhas tivessem ocupado posições de mando em tão curto período”.

Essa conduta discrepante, que não condizia absolutamente com os ditames da Lei Mosaica e os ensinamentos dos Profetas, foi talvez uma das causas que motivaram, embora sem justificativa, o surgimento de uma atitude “farisaica” (hipócrita) por parte de uma fatia expressiva de dirigentes religiosos fariseus, que, juntamente com os saduceus e os essênios, foram as três seitas surgidas naquele período de autonomia judaica.

O desejo eterno de libertação e a mística de seus símbolos tradicionais deram ao povo judeu, juntando-se a outros traços culturais, um perfil significativamente conservador, motivado por uma Lei maior de preceitos austeros, recomendados pelos Profetas, cujo reflexo era a observância de rituais cronometrados e costumes morigerados, caracterizados pela sobriedade em todas as atividades habituais da vida.

Além disso, a filosofia de “Povo de Deus” e de uma “Terra Prometida” gerou a tendência a um certo isolacionismo nacional, a evitar, quase que como tradição, a miscigenação com outras etnias. Por isso, o povo judeu conserva, apesar das diásporas, alguns traços característicos do seu tronco étnico, que não podem ser ignorados.

Por essa razão, as imagens difundidas sobre pessoas e episódios judaicos, especialmente os bíblicos, têm que ser muito fiéis, pois do contrário as distorções podem chegar ao ponto de se tornarem ridículas.

### *c) Os romanos*

Há um paralelismo curioso entre a conduta dos dirigentes judeus e a dos procuradores romanos, na filosofia do controle popular.

Uma parcela expressiva dos chamados “doutores da Lei”, como já fora dito, praticava um culto aparente, para impressionar a massa popular, na ânsia de sustentação de sua posição de mando, com especial atenção para as funções ligadas ao Templo, símbolo vivo do monoteísmo judaico e do sentimento nacional. Punia-se com rigor a blasfêmia, agressão oral pública ao tradicional sistema, impregnado na consciência desde tempos remotos e garantia da sobrevivência do povo judeu. Quanto a problemas de rebeliões, fraudes nos tributos e protestos populares, “os romanos que se desgastassem com eles”, naturalmente quando não estavam em jogo os seus (dos judeus) próprios privilégios.

As autoridades romanas, por sua parte, eram politeístas e, está claro, não acreditavam no Deus de Israel. Todavia, não acreditavam muito nos seus próprios deuses. Em Roma era exigido o culto a esses deuses pagãos<sup>14</sup>, mas para efeito no público e manutenção da personalidade mística do César, que os representava, e, conseqüentemente, da unidade do Império. Porém, nas províncias conquistadas, prevalecia a idéia do equilíbrio político, com plena liberdade de culto às divindades locais.

Intolerável aos romanos era a rebelião, ou mesmo a ameaça, contra o poder central de Roma. Questões religiosas, rituais no Templo e nas sinagogas, que às vezes afetavam sobremaneira o tradicionalismo dos mais antigos ou atingiam o bolso dos mais pobres, causando protestos, como o dízimo, “os judeus que se preocupassem em solucionar”.

Havia, sem dúvida, uma dupla gestão, porque, mesmo nos assuntos seculares, os judeus gozavam de uma certa autonomia, a não ser naqueles que os romanos discriminavam.

Daí a necessidade de um formalismo exagerado na execução da lei romana, para evitar interpretações diversas das duas partes, particularmente da parte da casa (de Israel).

Contudo, apesar da padronização rigorosa dos preceitos legais romanos, os atri-

tos entre as duas administrações eram constantes, com mais de um fator de desequilíbrio: Herodes Antipas, sem jurisdição na Judéia, porém com residência lá, entre os dois poderes, o romano e o judaico, queria agradar ao primeiro e conquistar a simpatia do segundo, num jogo político do qual era mestre. Caráter fraco, corrupto e supersticioso, desempenhou papel dúbio e temeroso no processo de Jesus, pois depois da morte de João Batista, que lhe rendeu onerosíssimo desgaste popular, nada mais queria com profetas.

A tendência era aumentar os atritos, até chegarem ao auge com Pôncio Pilatos, 5º Procurador romano, de 26 a 36 d.C., o qual, além de vários traços negativos de personalidade, possuía uma característica desagradável para os da terra e para os maiores de Roma: desprezava os judeus e odiava os seus dirigentes.

Quando Jesus de Nazaré apareceu, com uma pregação abertamente contrária à hipocrisia farisaica, Pilatos, que ainda não conhecia pessoalmente o novo profeta, sentiu o surgimento de um revolucionário ideal: desmoralizava a oligarquia doméstica sem ameaçar de modo algum o poder romano. Essa impressão deu lugar a uma futura conduta, aparentemente conciliatória, no processo de Jesus, o que levou historiadores e analistas a amenizarem a responsabilidade do procurador, o que é uma notória tendência atual.

Porém esse conceito não resiste a uma análise cuidadosa.

Com pouco tempo de mando, Pilatos já realizara sangrentos massacres de judeus e devassa no Templo, o que aumentou cada vez mais a distância entre ele e o povo, com grave repercussão em Roma, preocupada também com outras províncias. Ele conduzia-se mal aos olhos do Imperador Tibério, e essa componente foi decisiva na condenação de Jesus à morte.

Pôncio Pilatos não era um tribuno de alto nível. Fora designado para a Judéia por sua atuação decidida, para não dizermos violenta, em outras missões anteriores. A Ju-

déia era uma província rebelde, problemática e considerada um castigo aos procuradores para ela designados. Cruel, vaidoso e obcecado pelo poder, Pilatos, que queria a sobrevivência de Jesus não por simpatia à sua causa, mas como instrumento útil contra os interesses judaicos, perdeu para a astúcia dos fariseus.

Condenou um inocente à morte e, como grande culpado, entrou na história para sempre. O seu nome é pronunciado diariamente e em várias partes do mundo, no contexto de uma das mais completas e expressivas orações da fé humana: o Credo.

Foi contra esses três elementos adversos que Jesus de Nazaré realizou o seu ministério público: a falsidade dos fariseus, representados por Caifaz e seus comparsas, a arrogância do poder romano, representado por Pôncio Pilatos e seus algozes, e a corrupção da dinastia herodiana, representada por Herodes Antipas e seus lacaios. Entre os habitantes de sua terra, Jesus lidou com: 1 – os judeus, expressão máxima religiosa, política e cultural das etnias que ocupavam a Palestina, e que aguardavam, desesperados, um Messias libertador; 2 – os galileus, atrasados e descontentes, ao norte; 3 – os samaritanos, retraídos e hostis, ao centro; os idumeus, inexpressivos e alienados, ao sul; e, como invasores, os romanos.

## 7. *Apreciações finais*

Costumamos utilizar os espaços disponíveis no final dos artigos, não somente para os resumos usuais, como também para projetá-los sobre fatos da atualidade, o que parece de interesse dos leitores. Dados os frequentes e cada vez mais insistentes enfoques dos meios de comunicação, principalmente o cinema e a televisão, sobre personagens e episódios bíblicos, vamos aproveitar os nossos relatos para uma crítica construtiva, e, esperamos, salutar, sobre a matéria.

O filme “Maria, mãe de Jesus”, documentário do Canal 51, Discovery, Net, TV por assinatura, apresenta Maria com cator-

ze anos<sup>15</sup>, pobre, de vida difícil, com os seguintes traços físicos: baixa, morena, cabelos pretos, nariz largo, e, para efeito maior, precariamente vestida, barriga à mostra, em adiantado estado de gravidez.

A idade de Maria é discutível. Em narrativas bíblicas, Maria morava em Nazaré, em casa de parentes (seus ou de José), já prometida em casamento, quando teria acontecido o milagre da anunciação do anjo, a concepção sobrenatural, e, logo em seguida, a viagem de visita à sua prima Izabel.

A viagem deve ter durado uns quatro dias, pois a distância de Nazaré a Ain Kerem (perto de Jerusalém) era de aproximadamente 160 km, pela margem do rio Jordão e em subida de Jericó a Jerusalém. Era, mesmo para quem fora criada nas alturas (Jerusalém está a 800m de altitude), uma viagem estafante e arriscada para uma jovem naquela idade, e já naturalmente sob os primeiros sinais de seu estado especial.

Embora as publicações religiosas façam referência, sem compromisso, ao dia 31 de maio como data dessa visita, a nossa opinião é que o fato aconteceu um pouco antes, talvez em abril, por ser a casa de Izabel de veraneio, a estação do frio terminar em março e o nascimento de João Batista ter ocorrido em junho ou julho, três meses depois.

Tal casa ficava ao norte de Jerusalém. Se foi utilizada a estrada pelo centro, melhor que a outra, então o percurso era de 140 km e a ameaça de salteadores menor, mas em compensação enfrentava a hostilidade dos samaritanos, pois passava pela atual Nablus, naquela época Sicar, depois Siquém, do Novo Testamento.

Em qualquer das hipóteses, Maria deve ter viajado bem acompanhada, eis que havia assaltos até a caravanas, quanto mais a uma viajante isolada. O animal de carga e também de montaria era o jumento, porquanto o camelo era mais utilizado ao sul, no deserto, ou então em caravanas comerciais que passassem por essas áreas.

Os cavalos eram comprados ou requisitados somente para a tropa montada, ou

como animal de tração para coches de grandes autoridades. Por esses motivos, o jumento era utilizado também por gente abastada, sem significar, portanto, um sinal de pobreza para o seu usuário. Além do mais, devemos lembrar que o jumento é o melhor transporte animal para infiltração em caminhos difíceis, com cascos adequados para terreno pedregoso e de alimentação fácil em grandes caminhadas.

Maria era semita, judia por parte de pai e de mãe (Joaquim e Ana). Seu pai era sacerdote no Templo, sua casa ficava cerca de 250m a nordeste da Fortaleza Antônio, portanto fora das muralhas da Cidade Velha à época, todavia com entrada direta para o Templo pelo "Portão Tadi". Ele era conhecido por sua generosidade nas oferendas que fazia. Ademais, os primos Zacarias e Izabel era abastados, pois, como já assinalamos, a casa de Ain Kerem (Fonte do Vinhedo) era de veraneio, e Zacarias alto sacerdote do Templo, função desempenhada por varões, no mínimo independentes financeiramente.

Pelo conceito atual, Maria era uma moça de classe média. Casou-se com um carpinteiro, à época profissão mais próspera do que nos dias de hoje, porque, à falta de utilização industrial da madeira, o seu artesanato supria tudo de utilitário.

Como semita, pertencia ao tronco étnico "caucassóide", com algumas alterações por fatores ambientais, poucos, porém, por miscigenação: altura mediana, crânio dolicocefalo, cabelos e olhos castanho claros; pele clara e nariz infalivelmente fino e adunco, traço marcante dos semitas.

Quanto à conduta social, refletia conservadorismo em todos os padrões de atividade: respeito religioso, até hoje revestido de formalismo exagerado, e moderação no vestir (as vestes da época eram como as das muçulmanas de hoje, exceto no uso do véu do rosto, pois não era usado). Comunicação comedida entre familiares e mais ainda em público. A mulher somente saía de casa para sinagogas, aos sábados; apanhar água no poço, diariamente; tarefas artesanais próxi-

mas de casa, colheita nas plantações, espon-sais de amigas, visitas a parentes doentes, enterros e celebrações diversas. Viagens, só de mudança ou a Jerusalém, na Páscoa.

Comparem os leitores com a imagem do filme “Maria, mãe de Jesus” e tirarão as conclusões por si mesmos. Compreendemos que o produtor do documentário tenha procurado transmitir uma imagem popular de Maria, contudo agrediu os padrões lógicos e trouxe, desse modo, uma calamidade informativa.

Com relação ao seriado “As Escrituras”, do mesmo canal 51 – Discovery, chama a atenção um questionamento sobre a atitude de Judas Iscariotes, a sugerir uma alternativa de “entrega” e não de “traição”.

A argumentação dos apresentadores do documentário é que as transcrições do Evangelho em grego empregam verbos interpretativos de significados similares como “entregar”, “entregar por traição”, “atraiçoar” e outros. Isso é verdade. Como também o é em hebraico. Argumento, ainda, que, na expectativa de Judas, Jesus seria castigado e solto. Com o desfecho contrário, suicidou-se.

Contrariamente às traduções literais, a frase de Jesus, complementar a essa expressão, é “...mas ai daquele por quem o Filho do Homem for (entregue ou traído), melhor seria que não tivesse nascido”. Mostra uma agravante significativa para a ação, e essa frase é a mesma em todos os idiomas no Novo Testamento. Além disso, todos os apóstolos sabiam das intenções dos dirigentes fariseus e insistiam muito para que Jesus não fosse a Jerusalém, pois seriam obrigados “a morrer com ele também”. Com muito maior razão depois da ressurreição de Lázaro, cujo efeito em Jerusalém foi arrasador nas hostes farisaicas e equivaliu a uma homologação da sentença de morte de Jesus. Querer amenizar o crime de Judas, recusar a evidência dos fatos, distorcer as narrativas, é pura fantasia.

Muito mais coerentes a esse respeito foram os judeus, quando deram ao local do suicídio o nome de “Campo de Sangue”, em correspondência ao grau do crime.

Outro ponto que chama a atenção, no mesmo documentário “As Escrituras”, é a imagem de Jesus de Nazaré: de estatura mediana-baixa, magro, cabelos pretos, moreno, imagem hoje pejorativamente associada à de terrorista, e com uma expressão insegura e assombrada.

Judeu da tribo de Judá, descendente de David, filho de mãe judia, com toda a ascendência semita, pertencia ao bloco étnico caucássico, consensualmente aceito como de cor branca, embora alterado por condições ambientais e miscigenado (um pouco). Nascido em Belém (quase 800 m de altitude) e criado, depois, em Nazaré (400 m de altitude), onde percorria a pé, repetidamente, terreno montanhoso<sup>16</sup>, Jesus de Nazaré necessariamente deveria enquadrar-se no seguinte quadro físico: entre 1m75cm e 1m80cm de altura, ombros largos, cabelos e olhos castanho claros, crânio dolicocefalo, nariz fino e adunco e pele clara.

Em todas as manifestações públicas, Jesus sempre mostrou segurança e destemor, ao mesmo tempo em que condenava a violência e pregava o amor ao próximo. Enfrentou a sua destinação sobrenatural com resignação e altruísmo. Essas atitudes e esses atributos contrabatem a imagem do filme citado, uma deformação, sem dúvida alguma.

Um exemplo bastante lógico, e apoiado por pesquisa cuidadosa, da figura de Jesus de Nazaré foi o projetado no programa diário da TV – Rede Vida, entre 17h45min e 18h, denominado “Terço Bizantino” (no início e no fim do segmento), de 1 a 18 de fevereiro de 2004 (não sabemos se continuou em outro período). Embora o filme seja assistido, naturalmente, por público católico, estamos na época da globalização, ou seja, a informação atinge áreas nunca dantes imaginadas.

Ainda com relação ao documentário “As Escrituras”, do Discovery Channel, assistimos ao episódio ocorrido na estrada de Damasco, com Paulo de Tarso. A matéria é interessante, porque procura explicar a transformação sofrida pelo Apóstolo dos Genti-

os como uma “explosão dos neurônios”, motivada por um fenômeno geofísico, como terremoto, fásca elétrica (raio) ou similar. Como nada sucedeu do gênero naquele dia e naquele local, pesquisou-se nas proximidades e somente foi localizado um “inocente” tremor em Antioquia, cidade cerca de 400 km ao norte de Damasco. Como estamos na época dos neurônios, encaixou-se na visão do futuro Apóstolo um choque cerebral, naturalmente com o nome médico-científico apropriado, teoria hoje em dia muito em voga. Como o fenômeno geofísico fez somente uma vítima, muito específica, o brioso e compenetrado Saulo (depois Paulo) – pois nenhum dos acompanhantes da comitiva montada percebeu qualquer coisa –, o produtor do filme utilizou artifícios de todo tipo para justificar as atitudes do Apóstolo, em pregação pela Grécia. Nesse aspecto, até que o filme foi coerente, sem deixar de ser hilariante.

Já o filme “A última tentação de Cristo”, do produtor norte-americano Martin Scorsese, conquanto seja bastante proclamado, é desordenado, incoerente, filosoficamente tumultuado e não merece consideração crítica mais prolongada.

Queremos assinalar, por fim, um outro meio de comunicação visual, a edição de gravuras, desenhos ou fotos de Jesus, apresentado com fisionomia de adolescente, olhos azuis, face rosada ou muito clara e cabelos louros. Em que pese a intenção de algumas editoras cristãs de representarem o Mestre de Nazaré de uma forma juvenil, essas imagens não correspondem a análise bíblico-histórica, trata-se de um engano. Como as imagens difundidas de Jesus normalmente se referem aos episódios de sua pregação pública ou de sua Paixão, vamos lembrar que ele nasceu no ano – 6, seis anos antes de sua própria Era, a Era Cristã. Iniciou essa pregação no ano 27 d.C. (27 anos de sua Era) com cerca de 33 anos de idade. Foi crucificado no ano 30 d.C., por conseguinte com 36 anos (no mínimo). Esses dados cronológicos são hoje universalmente aceitos, com a tolerância de um ano a mais

ou a menos. Assim, Jesus, quando morreu, era um adulto. Nesse último exemplo, contudo, o saldo é positivo. A intenção, temos a certeza, tem sido a melhor possível. Quanto ao mês da crucifixão, não houve erro de calendário, e todos os estudiosos apontam para o mês de abril. Como foi na véspera da Páscoa judaica, o dia 7 pode ser arriscado como bem apropriado, para sua morte, e o dia 9, para sua ressurreição, isto é, três dias depois, no 3º dia, conforme as Escrituras, pois a contagem hebraica era ordinal e não cardinal.

## 8. Conclusão

Neste artigo, conforme previsto na Introdução, verificamos que as primeiras nações historicamente confirmadas como habitantes da Palestina foram as cananaicas ou dos cananeus. Também foi ressaltado serem as demais nações os israelitas, os filisteus, os moabitas e os amonitas.

Os israelitas, que assimilaram os cananeus e foram por eles também assimilados em parte, deram origem aos judeus, aos samaritanos (ex-israelitas assírios), aos galileus (ex-israelitas limítrofes) e aos idumeus (ex-hebreus dispersos da área).

Com o desaparecimento dos filisteus, dos moabitas, dos amonitas e a assimilação total dos cananeus, restaram como habitantes, do norte para o sul, os galileus, os samaritanos, os judeus e os idumeus.

Todos esses povos giravam em torno de uma etnia central – os judeus, expressão maior dessas nacionalidades. Os judeus sempre foram habitantes da Palestina a partir da conquista de Canaã e, mesmo invadidos e expulsos, nunca deixaram de marcar a sua presença com pequenos núcleos isolados.

Quanto a invasores, o panorama é outro. Excetuados os cananeus, todos foram “invasores”: os israelitas, os filisteus, os assírios, os babilônios, os gregos, os egípcios, os sírios e os romanos. No limiar do I milênio da Era Cristã, o povo que tinha expressão política, religiosa e étnica eram os judeus, presentes em toda a Palestina, cujo

trio religioso marcante eram os fariseus, os saduceus e os essênios.

Os idumeus, embora inexpressivos, são citados porque deram ao mundo uma dinastia de triste lembrança: os Herodes.

Nessa época, início da Era Cristã, de invasores só restaram os romanos. Esses três elementos – os judeus (representados pelos fariseus), a dinastia herodiana e os governantes romanos – foram os três segmentos do poder mais analisados, porquanto possibilitaram a configuração do perfil das personalidades, com a conseqüente facilitação da crítica das imagens projetadas pelos meios de comunicação.

Numa visão de conjunto, as distorções lidas no item 7: Apreciações Finais revelam uma fragilidade, já quase tradicional, da inteligência ocidental, particularmente a norte-americana, no aspecto analítico, seja conjuntural seja mesmo específico, quanto à interpretação de personalidades e de episódios particulares. Como costumamos aproveitar os fatos atuais, citaríamos os desastrosos desacertos que a “inteligência”, como instrumento oficial, vem cometendo nos E.E.U.U., embora não saibamos até onde foi a culpa dos responsáveis diretos. No entanto, todos sabemos dos fantásticos meios disponíveis para a busca e a coleta dos dados necessários para os relatórios. O problema surge na análise e confrontação dos elementos e, mais do que isso, na hierarquização dos valores para a seleção do que é preponderante ou decisivo.

Entretanto essa falha de retrospectão e prospecção analíticas não é prerrogativa dos órgãos oficiais. Nos meios de comunicação, notadamente no cinema e na televisão, as distorções de personalidades e episódios bíblicos, por exemplo, já sobejamente comprovados, atestam a extensão desse débito intelectual a outros segmentos daquele poderoso contingente social.

No caso dos meios de comunicação, estávamos propensos a crer que isso acontecesse por inadvertência, falta de assessoramento qualificado e não de plena consciên-

cia. Mas a nossa opinião mudou após o documentário “As Escrituras”, do Canal 51 – Discovery, Net, televisão por assinatura, no dia 23 de fevereiro de 2004, em Brasília.

Após o relato, de um modo geral bem apresentado, dos episódios que configuram a Paixão de Cristo, o referido documentário termina com uma discussão sobre os responsáveis por sua condenação: Caifaz, Pôncio Pilatos e o maior deles, o próprio Jesus<sup>17</sup>, pelas provocações pessoalmente assumidas, o que acelerou a sua morte.

É uma ótica absolutamente divergente da do Novo Testamento. É a exclusão total do valor sobrenatural da Paixão de Cristo, que teve como base mística o símbolo que São Paulo levou aos gentios: Jesus – Cristo – Deus – Filho – Salvador<sup>18</sup>. Qualquer conceito diferente desse está fora da doutrina cristã.

O Cristianismo, como as outras filosofias monoteístas, tem sofrido agressão ao longo dos tempos, baseada, com mais intensidade, nas teorias científicas mais em voga. Já houve teoria evolucionista, cósmica, genética, etc. Agora estão na moda os “neurônios”. Tudo o que é sobrenatural é conseqüência de excitação dos neurônios. Daqui a pouco essa onda passa e entramos noutra. Tudo indica vamos penetrar nos mistérios de Marte.

O que querem os beneficiários dessa campanha sutil e sistemática contra o Cristianismo é, no final das contas, o ajustamento dos preceitos religiosos ao seu *statu quo* filosófico e social, para tranquilidade pessoal de espírito e trânsito fácil e rendoso nas comunidades de seu interesse. Cada vez mais escravos da tecnologia e, por isso mesmo, cada vez mais angustiados, esses magnatas da comunicação social tornam-se, eles próprios, refratários à mensagem evangélica e marginais do idealismo cristão. No fim da caminhada, já desiludidos e ansiosos por uma transformação interior, desejarão parar o coche da salvação, na esperança vã de uma solução de última hora, que os acolha e leve a um final tranqüilo, eternos como distas que são.

Mas, para esses incrédulos, como para os céticos habitantes de Nazaré, não haverá paradas nem milagres.

Como o hesitante apóstolo Pedro, nos arredores de Roma, eles apenas poderão gritar para o cocheiro: “Quo Vadis Domine?” (Aonde vais, Senhor?)

E Jesus de Nazaré, amargurado, sem parar o veículo, dessa vez com um destino mais abrangente, lhes responderá, com certeza: “A Jerusalém, para ser crucificado de novo”<sup>19</sup>.

### Notas

<sup>1</sup> Terminados em “eus” ou “itas”.

<sup>2</sup> Os filhos de Sidon (primogênitos de Canaã) e seus descendentes mantiveram o nome do patriarca, origem da nação. Mas também são citados como “sidonitas”.

<sup>3</sup> O sítio mais antigo da Palestina é em Jericó. É anterior aos de Messin, Hacilar e Catal Huyuk, na Ásia Menor, e aos de Jarmo-Hassuna, na Mesopotâmia. Era um estabelecimento estável, muito populoso, cercado de muralhas, parecendo uma evolução do nomadismo para a fase agrícola. Era uma reunião de nômades para um novo tipo de economia. Mas não era uma “nação”.

<sup>4</sup> Já citamos, em artigo passado, que a palavra “hebreu” tem origem na raiz semita “ever”, que indica travessia. Outra origem é sugerida por Burns (1968, p. 112), qual seja “khabiru” ou “habiru”, significando “estrangeiro”. De qualquer modo, a palavra sugere “vindo de fora”.

<sup>5</sup> Aceito por uma grande corrente de historiadores como precursor da etnia árabe.

<sup>6</sup> “Tribos de Jacob”, mas; com a mudança do patriarca para “Israel”, passaram a “Tribos de Israel”.

<sup>7</sup> JAVÉ ou IEHAVÉ (som forte do “H”). Em hebraico “aquele que é”. O termo JEOVÁ, também muito encontrado em traduções de línguas latinas, é uma palavra obtida pela permuta de vogais de ADONAI (Meu Senhor), de fácil compreensão para os judeus, mas desaconselhável para emprego por ocidentais.

<sup>8</sup> Há uma parcela expressiva de historiadores que atribuem aos egípcios a invenção do alfabeto. Somos de opinião que foram os fenícios. Esse povo deixou as bases do alfabeto cananeu. Posteriormente, por volta de 900 a.C., os gregos dele se apropriaram e usaram seus sinais e princípios para construir o grego escrito.

<sup>9</sup> “AM” em hebraico é “tribo”, “nação”. Segundo a narrativa bíblica, Moab e Amon foram conce-

bidos incestuosamente da união de Lot (sobrinho de Abrahão), embriagado, com suas duas filhas. Resultaram os moabitas e amonitas, que habitaram a leste do rio Jordão e do mar Morto, deixando muitos vestígios arqueológicos. Quem visitar Aman, capital de Jordânia, estará pisando na antiga Rabat Amon (capital de Amon).

<sup>10</sup> O nome Palestina, já analisado em artigo publicado por Aguiar (2002, p. 277-286).

<sup>11</sup> Do grego “diáspora”. Dispersão.

<sup>12</sup> João Batista morreu na fortaleza de Maqueronte (Machaerus, Mjkawir), 8 km a leste do Mar Morto, na antiga Peréia, então sob a jurisdição de Herodes Antipas, que ali costumava fugir ao frio de Jerusalém.

<sup>13</sup> “O significado dos Manuscritos do Mar Morto”. A tradução do texto transcrito é nossa.

<sup>14</sup> De religiões e crenças que não adotavam o batismo.

<sup>15</sup> Fontes cristãs adotam o ano 20 a. C. para o nascimento de Maria. Preferimos o ano 21 a.C., isto é, quando Jesus nasceu, ela teria quinze anos. Mas deixamos a questão em aberto.

<sup>16</sup> Jesus as pirava o “ar das montanhas puro como vinho”. Texto extraído da canção “Jerusalém”.

<sup>17</sup> O verdadeiro cristão não pode pôr esse tema em discussão. Os responsáveis pela morte de Jesus são Caifaz e seus seguidores, Pilatos e seus comandados e também nós todos, por nossos pecados. Pelo menos é isso que São Paulo quer dizer na nota a seguir.

<sup>18</sup> As iniciais de “Jesus – Cristo – Deus – Filho – Salvador”, “IKHTUS”, em grego, formam a palavra “peixe” e constituem o símbolo místico maior do Cristianismo. O desenho de um peixe no chão é fácil de fazer com o pé, e era um código que o Apóstolo levou para Roma, a fim de que os cristãos pudessem se comunicar, sem serem percebidos pela repressão romana. Outra explicação é a da profissão da maioria dos apóstolos: “pescadores”. A mensagem de São Paulo, sintetizada no símbolo, indica que Jesus de Nazaré é o Ungido, o Escolhido (Cristo), Filho de Deus, o Cordeiro imolado para a remissão dos pecados da humanidade e sua conseqüente salvação (Salvador). De modo que procurar culpa em Jesus de Nazaré por sua crucificação é, no mínimo, um contra-senso.

<sup>19</sup> Em Palestina – Parte II será feita uma projeção dos atuais habitantes da Palestina e seus problemas, de grande interesse dos leitores.

### Bibliografia

AGUIAR, Hugo Hortêncio de. Israel: estado e religião. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, ano 39, nº 153, p. 277-286, jan./mar. 2002.

BURNS, Edward Mc Nall. *História da civilização ocidental*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1968. v. 1.

DAVIES, A. Powell. *The dead sea scrolls*. New York: New American Library, 1956.

